

exacerbações da doença, porém os efeitos do tratamento estendido não são conhecidos. Objetivo: Avaliar o impacto do uso de azitromicina profilática, com duração estendida por até dois anos, nas exacerbações da DPOC. Métodos: Estudo de coorte retrospectivo incluindo 79 pacientes com DPOC que usaram azitromicina de manutenção (500 mg três vezes por semana) por um ano e destes, 57 usaram por dois anos. Os pacientes incluídos tiveram pelo menos duas exacerbações tratadas ambulatorialmente ou uma que necessitou de hospitalização no ano anterior (fenótipo de exacerbador). O número e a gravidade das exacerbações 12 meses antes e 12 e 24 meses após o início da azitromicina foram identificados no prontuário eletrônico dos pacientes. Um $p > 0,05$ foi considerado estatisticamente significativo. Resultados: A idade dos pacientes foi de 65 ± 9 anos, todos os pacientes eram ex-fumantes (55 ± 32 maços-ano), a capacidade vital forçada (CVF) foi de $1,90 \pm 0,60$ l ($57 \pm 17\%$ do previsto), o volume expiratório forçado no primeiro segundo (VEF 1) foi de $0,83 \pm 0,32$ ($32 \pm 12\%$ do previsto) e a relação VEF 1 /CVF foi de $44 \pm 12\%$. No seguimento, 45 de 79 pacientes (57%) em uso de azitromicina apresentavam fenótipo exacerbador aos 12 meses e 35 de pacientes 57 (61,4%) aos 24 meses. O número de exacerbações foi $3,86 \pm 2,13$ nos 12 meses anteriores ao uso da azitromicina, $1,76 \pm 1,99$ no ano após o início do tratamento e $1,47 \pm 1,68$ no segundo ano do tratamento ($p < 0,0001$). A azitromicina reduziu tanto as exacerbações graves quanto as moderadas ($p < 0,05$). Conclusões: Nossos resultados mostraram que a azitromicina reduziu significativamente as exacerbações moderadas e graves da DPOC aos 12 e 24 meses de tratamento, em um cenário do mundo real.

PSICOLOGIA

2281

ADOLESCÊNCIA CONTEMPORÂNEA E AUTOLESÃO NÃO SUICIDA: A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS SOCIAIS

JÉSSICA RODRIGUES GOMES; MARIANA LIMA CORRÊA; SIMONE DOS SANTOS PALUDO
UFPEL - Universidade Federal de Pelotas

INTRODUÇÃO: As redes sociais representam um importante espaço de socialização e disseminação de comportamentos na adolescência contemporânea. Uma vez que a autolesão não suicida (ANS) está retratada nas mídias sociais, tal fato pode influenciar os adolescentes a realizarem a prática. A ANS é definida pelo comportamento do indivíduo em provocar lesões em seu próprio corpo, sem a intenção de suicídio, sendo maior em adolescentes. A literatura tem sugerido que os pares possuem influência no engajamento de ANS. Os adolescentes tendem a iniciar o comportamento por conhecer ou por sugestão de outra pessoa.

OBJETIVOS: Estimar a prevalência de ANS ao longo da vida entre adolescentes e verificar sua associação com postagens nas redes sociais que retratassem pessoas realizando autolesões. O estudo foi transversal, com abordagem quantitativa, realizado com adolescentes do ensino médio.

MÉTODOS: Avaliou-se a ocorrência de ANS ao longo da vida através de uma pergunta. Foi perguntado também se os participantes já haviam visto postagens nas redes sociais que mostrassem alguma pessoa realizando ANS, bem como se conheciam algum amigo que já teve ANS. Ainda, foi utilizada a Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse (EDAE) para avaliar sintomas depressivos, ansiosos e de estresse na amostra. Análises descritivas e bivariadas foram realizadas usando teste qui-quadrado através do software Stata 14.0

RESULTADOS: A amostra contou com 571 participantes. A prevalência geral de ANS foi de 34,8 % ao longo da vida, sendo maior em estudantes do sexo feminino, de séries iniciais do ensino médio e que tinham maior ocorrência de sintomas de ansiedade, estresse e depressão. Dentre os adolescentes que haviam tido ANS ao longo da vida, 70% relataram terem visto postagens nas redes sociais e 90% tinham algum amigo que já realizou ANS.

CONCLUSÃO: O estudo demonstra que a ANS em adolescentes escolares é um problema que merece atenção. As redes sociais parecem funcionar como um ambiente de disseminação da prática, onde os adolescentes compartilham seu sofrimento e as formas de auto lesionar-se. Assim, pode-se sugerir que a ANS possui uma característica de contágio social entre os adolescentes, o que contribui para a gravidade da temática. O desenvolvimento de políticas públicas de saúde mental específicas para os adolescentes deve ser incentivado.

2473

PERCEPÇÕES DE RISCO DE CONTÁGIO E TRANSMISSÃO DO HIV EM USUÁRIOS DE ÁLCOOL E CRACK COCAÍNA

SUÉLEN SOARES FERNANDES; JAQUELINE BOHRER SCHUCH; DANIELA BENZANO BUMAGUIN; JÉSSICA AZEVEDO GUADALUPE; FERNANDO P. REBELATTO; JULIANA NICTERWITZ SCHERER; FELIX HENRIQUE PAIM KESSLER; FLAVIO PECHANSKY; LISIA VON DIEMEN LDIEMEN ;
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Introdução: Nos últimos anos, a incidência de HIV no Brasil vem aumentando lentamente, e apesar dos esforços voltados a prevenção, as taxas de infecção em homens não diminuíram como nas mulheres. Estudos sustentam que as percepções de risco de infecção ainda são relativamente baixas e a população ainda engaja em situações de risco, especialmente as vulneráveis. Objetivo: Verificar a relação entre comportamentos de risco associados à transmissão de HIV com a preocupação de contágio e/ou transmissão do vírus em uma amostra de usuários de álcool e crack cocaína. Metodologia: A amostra inclui 293 homens com diagnóstico de transtorno por uso de substâncias (n=174 álcool, n=49 crack cocaína), internados em um hospital universitário especializado em dependência química. Os participantes assinaram termo de consentimento e responderam ao questionário RAB (versão traduzida do risk assessment battery) que avalia exposição a situações de risco para HIV. Os seguintes fatores de risco foram avaliados: uso de drogas injetáveis, uso de preservativo e número de parceiros sexuais. Material biológico foi coletado para o diagnóstico de HIV. As análises estatísticas foram realizadas através do teste qui-quadrado ($p < 0,05$). Resultados: A prevalência de HIV foi de 4,6%. Dos indivíduos HIV positivos, 76,9% mostrou-se

preocupado com a transmissão do vírus ($p=0,004$) comparado ao grupo sem HIV (31,4%). Indivíduos com >5 parceiros nos últimos 12 meses apresentaram preocupação com contágio e transmissão do HIV (43,5%, $p=0,001$ e 50,7% $p=0,004$, respectivamente) comparado àqueles com menos parceiros (22,5% e 31,5%, respectivamente). Cerca de 72% não fizeram uso de preservativo em todas as relações sexuais nos últimos 6 meses. Este comportamento foi associado a preocupação com o contágio e transmissão do HIV ($p=0,033$ e $p=0,007$). Uso de drogas injetáveis ($n=6$) não foi associado a preocupação com contágio/transmissão de HIV ($p>0,05$). Conclusão: A preocupação com HIV foi maior nos indivíduos que engajam em práticas de risco, sugerindo que apesar da ciência do risco, o comportamento persiste. Inúmeras podem ser as explicações, incluindo o próprio abuso de substâncias, situações de vulnerabilidade social e uso de outros métodos contraceptivos (ignorando as infecções sexualmente transmissíveis, ISTs). Nesse sentido, as intervenções focadas na informação não são suficientes para mudança de comportamento nessa população e novas abordagens e ações são necessárias.

2846

DIÁRIO DO BEBÊ: A NARRATIVA COMO PROPOSTA DE FORTALECIMENTO DO VÍNCULO PAIS-BEBÊ EM CONTEXTO DE INTERNAÇÃO NEONATAL E DE ISOLAMENTO PELA COVID-19

NINA AGUILAR SOARES; VIVIANE SALAZAR; ADRIANE GONÇALVES SALLE; CLÁUDIA SIMONE SILVEIRA DOS SANTOS

HCPA - Hospital de Clínicas de Porto Alegre

A internação neonatal geralmente é marcada nos pais de bebês hospitalizados por sentimentos de tristeza, culpa, angústia, preocupação, entre outros. O vínculo pais-bebê tende a se fragilizar pela ruptura física e emocional vivida, em que os equipamentos e as intervenções da equipe, tão importantes para a recuperação e sobrevivência do bebê, ocupam um espaço na relação que distancia a tríade, e a parentalidade necessita ser reinventada, adaptando-se ao contexto de hospitalização. No atual cenário da pandemia Covid-19, os sentimentos e as rupturas vividas se intensificam ainda mais por conta das restrições pela necessidade de distanciamento social, impactando significativamente o acompanhamento e a permanência dos pais junto ao bebê na unidade neonatal. Nos casos em que bebês e/ou seus pais são acometidos pela Covid-19, os impactos são ainda mais significativos pelo isolamento necessário, com a hospitalização dos pais em alguns casos, e o distanciamento entre estes e o bebê se dá de forma prolongada. Tais aspectos podem causar diversas influências na relação da tríade, na construção da parentalidade dos pais e na constituição psíquica do bebê, uma vez que o cuidado deste passa a ser realizado exclusivamente pela equipe, que possui maior ciência do estado de saúde do bebê e de seu desenvolvimento durante o período de isolamento. Pensando nisso, acredita-se que intervenções que busquem promover o estímulo e reforço desse vínculo são de extrema importância. Este trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta de intervenção para casos de Covid-19 (de bebês e/ou de pais) em uma unidade de internação neonatal de um hospital público e de ensino da região Sul do país, denominado "Diário do Bebê". Atualmente em processo de implementação, o "Diário do Bebê" busca, através da narrativa do período de hospitalização do bebê, possibilitar aos pais conhecer aspectos e vivências de seu bebê enquanto ausentes na internação e os convida a participarem deste processo, podendo construir, no próprio diário, suas experiências e percepções desses momentos. Através de observações preliminares da elaboração dos diários, percebe-se que esta proposta oferece a possibilidade de construir uma continuidade e fortalecimento da relação pais-bebê, em que rupturas e ausências podem ser preenchidas e ressignificadas pela palavra, além de mobilizar os profissionais a contribuírem na humanização e estreitamento desse vínculo, mediando a relação pais-bebê diante do distanciamento físico.

2995

OFICINA DE POESIA: TRABALHANDO A SAUDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA

JULIANA UNIS CASTAN; ANTONELLA CABRINI DE LIMA; GISELE BATTISTELLI; THOBAS PLESNIK; VANESSA MENEGALLI; ALINE OLIVEIRA

HCPA - Hospital de Clínicas de Porto Alegre

Introdução: A internação psiquiátrica busca oferecer um cuidado humanizado e integral a pacientes em fase aguda de transtornos psiquiátricos. A pandemia de COVID-19 demandou a adoção de medidas de proteção e segurança hospitalares, como a proibição de visitas de familiares na unidade, fato que tende a gerar ou potencializar isolamento e sentimentos de solidão e tristeza nos pacientes. A terapia pela arte pode ser utilizada para trabalhar a experiência de internação, aumentando o bem-estar dos indivíduos. A poesia configura-se como uma manifestação artística, permitindo a reflexão e expressão de sentimentos e emoções através da linguagem. Objetivo: Retratar a elaboração e condução de uma oficina de poesia realizada em uma unidade psiquiátrica de 36 leitos em um hospital geral universitário. A atividade visou propiciar um momento de fala e realizar psicoeducação acerca da adoção de estratégias adaptativas para lidar com os sentimentos gerados pela pandemia e da importância das medidas de prevenção. Metodologias empregadas: Foram convidados a participar da oficina os pacientes que demonstraram interesse pelo tema. Após apresentação do tema, os pacientes foram estimulados a falar sobre a experiência subjetiva em relação à falta de visitas na unidade. Sentimentos expressos foram validados e trabalhados, buscando relacionar as vivências entre os pacientes, aumentando o sentimento de pertença e diminuindo a solidão. Em seguida, foram trabalhadas as recomendações de proteção e a importância da adoção de novas estratégias para manter o contato com entes queridos durante a pandemia. Posteriormente, foi proposto que cada paciente escrevesse uma estrofe relacionada à saudade em uma tira de papel para que fosse construída uma poesia em conjunto. Por fim, produziu-se um cartaz com a estrofe escrita, formando uma única poesia, que foi exposta na sala de visitas. Observações: Através dessa oficina, foi oportunizado aos pacientes um espaço humanizado para ressignificação da experiência de isolamento físico na internação e partilha de experiências, fomentando sentimento de grupo e de pertença. Também foi trabalhada a responsabilidade social, considerando a importância do entendimento das orientações governamentais para que se possa